

Qual o preço do amparo? Da alienação violenta no amor à mortificação da não escuta

Carla Maria Vieira Araujo

Resumo

O presente trabalho parte de uma experiência vivenciada em um dispositivo da rede socioassistencial voltado para mulheres em situação de violência e busca ponderar sobre o que pode o psicanalista dentro de uma instituição cujo discurso muitas vezes tende ao universal. Sabendo, com Lacan, sobre a impossibilidade de pensar sobre a existência d'A mulher, intenta-se, a partir de uma resenha clínica e da leitura da tábua da sexuação, lançar um olhar que possibilite um espaço de escuta para o sujeito para além dos ideais institucionais, da vitimização e da tutela, de forma que algo do desejo e do gozo nas parcerias possa ser ouvido.

Palavras-chave:

Mulher; Violência; Parceria; Instituição; Gozo.

What is the price of support? From violent alienation in love to the mortification of not listening

Abstract

The present work starts from an experience lived in a device of the social assistance network aimed at women in situations of violence and seeks to ponder what the psychoanalyst can do within an institution whose discourse often tends to the universal. Knowing, with Lacan, about the impossibility of thinking about the existence of The woman, it is intended, from a clinical review and a reading of the table of sexuation, to launch a look that allows a space for listening to the subject, to beyond institutional ideas, victimization and guardianship, so that something of the desire and enjoyment in partnerships can be heard.

Keywords:

Woman; Violence; Partnership; Institution; Enjoyment.

¿Cuál es el precio del soporte? De la violenta alienación en el amor a la mortificación de no escuchar

Resumen

El presente trabajo parte de una experiencia vivida en un dispositivo de la red de asistencia social dirigido a mujeres en situación de violencia y busca ponderar qué puede hacer el psicoanalista dentro de una institución cuyo discurso muchas veces tiende a lo universal. Conociendo, con Lacan, la imposibilidad de pensar la existencia de La mujer, se pretende, a partir de una revisión clínica y una lectura de la tabla de sexuación, lanzar una mirada que permita un espacio de escucha del sujeto, más allá ideas institucionales, victimización y tutela, para que se escuche algo del deseo y goce en las sociedades.

Palabras clave:

Mujer; Violencia; Camaradería; Institución; Disfrute.

Quel est le prix du support ? De la violente aliénation amoureuse à la mortification de la non-écoute

Résumé

Le présent travail part d'une expérience vécue dans un dispositif du réseau d'aide sociale destiné aux femmes en situation de violence et cherche à s'interroger sur ce que peut faire le psychanalyste au sein d'une institution dont le discours tend souvent à l'universel. Connaissant, avec Lacan, l'impossibilité de penser l'existence d'A femme, il s'agit, à partir d'un bilan clinique et d'une lecture du tableau de la sexuación, de lancer un regard qui permette un espace d'écoute du sujet, au-delà idées institutionnelles, victimisation et tutelle, pour que quelque chose du désir et du plaisir dans les partenariats puisse être entendu.

Mots-clés :

Femme ; Violence ; Partenariat ; Institution ; Jouissance.

O presente trabalho parte de uma experiência vivenciada em um Centro de Referência às Mulheres em Situação de Violência, pertencente à Rede Suas de um município do interior de Minas Gerais. De saída, há que se considerar que os Centros de Referência às Mulheres em Situação de Violência compõem, na rede, aquilo que se chama serviços de Média Complexidade. Trata-se de uma equipe multidisciplinar que recebe situações nas quais se considera ter ocorrido alguma modalidade de violação de direitos. O trabalho desenvolveu-se a partir da escuta das mulheres atendidas, que chegavam ao serviço por busca espontânea, ou por meio de encaminhamentos realizados pelos profissionais da rede.

Essa escuta foi o que permitiu compreender, rapidamente, que os manuais, as referências técnicas dos conselhos e as diretrizes da Rede Suas não bastariam para conduzir aqueles casos, pois a abordagem universal daquilo que é considerado um problema público não era capaz de abarcar o particular de cada arranjo. Foi essa constatação, acrescida do constante mal-estar que pairava nas reuniões técnicas, nas quais frequentemente os casos eram tratados, justamente, pela via do universal, o que mobilizou algo para a produção que se segue.

Longe de problematizar a importância da oferta desse serviço, de forma pública e gratuita, há que se ponderar sobre o que pode o psicanalista dentro de uma instituição cujo nome, ele próprio, já traz em si a insígnia do universal: como trabalhar com essas mulheres, em sua condição de sujeitos desejanter, quando muitas vezes o discurso institucional as reduz ou a vítimas passivas, ou a loucas descompensadas? Com Lacan, é necessário produzir algo de uma separação dessa nomeação, desse Mulheres, por si só já universalizado, tendo em vista que “(...) não há A mulher, artigo definido para designar o universal” (Lacan, 1973/1985, p. 98).

O que haveria, portanto, de possibilidades de construção que visasse a uma retificação subjetiva, em um contexto institucional com claras tendências à vitimização e a um discurso de mestria? O que foi possível escutar desses casos diz de algo de um funcionamento dessas parcerias amorosas, dessa relação entre os sexos, e que, a partir da escuta analítica, trouxe o trabalho de retificação subjetiva como uma saída, sempre singular, feita por cada uma. Tal retificação é o que permite que o sujeito possa lançar um olhar sobre aquilo que o adoce, localizando-o, assim, não como um expectador que nada sabe do próprio sofrimento, como uma “política de avestruz” (Freud, 1914/1996, p. 167), mas, antes, como alguém capaz de questionar seu lugar diante do Outro, de seu desejo e seu gozo.

Se constatamos, com Lacan (1973/1985), que tudo do que se fala em análise diz respeito ao amor, nesse contexto não foi diferente. Algo na escuta desses casos parece não cessar de se inscrever: um tipo de parceria na qual o homem busca, em seu par, não um sujeito — que deseja, que demanda, que goza a seu modo — mas, antes, um objeto que componha sua fantasia, tal como é possível ler a partir do lado esquerdo da tábua da sexualização.

(...) esse \$ só tem a ver, enquanto parceiro, com o objeto *a* inscrito do outro lado da barra. Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo. A este título, como o indica alhures em meus gráficos a conjunção apontada desse \$ e desse *a*, isto não é outra coisa senão fantasia. (Lacan, 1973/1985, p. 108)

Não raro, o que se verificou nessa escuta foi um consentimento, pela via dos semblantes, em bancar esse lugar na relação, em troca de uma garantia de amor e exclusividade, enquanto "(...) apenas demonstra complacência com o desejo do homem ao aceitar seu pedido, prestando-se à sua fantasia" (Miller, 2010, p. 12). Nesse sentido, o semblante é aquilo que faz função de tamponar a inexistência da relação sexual, na tentativa de garantir ao homem algum acesso ao gozo, inacessível, da parceira, já que, "(...) nas mulheres, a instância do semblante é acentuada tendo em vista seu lugar no casal sexual de fazer desejar, que implica em se moldar às condições de desejo do homem" (Costa & Bonfim, 2013, p. 140). Mas, uma vez que não há relação sexual, o sujeito não poderá se sustentar a todo momento nessa posição de objeto da fantasia do outro e tampouco sua demanda de amor poderá ser correspondida em sua totalidade. Algo como: você não me dá o que lhe peço (amor mais, ainda), portanto me recuso a fazer (ou a continuar fazendo) esse semblante de objeto de sua fantasia que você espera. Posição de gozo no jogo do amor, como destaca Miller:

(...) para a mulher, seu modo de gozar exige que seu parceiro fale e que a ame. Quer dizer que o amor, para ela, é tecido no gozo, e é preciso, fundamentalmente, que o parceiro seja *A*, aquele ao qual falta alguma coisa, e que essa falta faz falar, *lhe* faz falar. (Miller, 1998, p. 110)

Nesse cenário, podem ocorrer os arroubos de agressividade do homem contra essa parceira, que se recusa a ocupar o lugar de objeto de sua fantasia, como se, de sua posição violenta, esse sujeito que agride dissesse: se você não complementa minha fantasia, é sujeito e deseja; se deseja, faz enigma, ameaça-me e por isso a destruo. Assim,

(...) se o homem tem a tendência a conceber a feminilidade como um segredo, e que ele vê esquivar-se ao seu alcance, só pode levar este segredo à conta de uma mentira: a feminilidade, em sua mente, não é mais o semi-dizer da verdade mas sim mentira, ela não é duplo, mas dúplice. (André, 1998, p. 226)

Mentira que é cobrada por meio da submissão violenta desse outro, cujo desejo se faz tão desconhecido.

Daí muitas vezes surgirem sentimentos de culpa, tão recorrentes no discurso das mulheres ouvidas, como se concluíssem sua retirada ou recusa dessa posição de semblante de objeto para o homem como uma provocação, e não raro seguidas por tentativas de justificar a agressão por essa via.

Luana (nome fictício) faz testemunho desse tipo de parceria. Mãe de três filhos, dos quais o último se trata de um recém-nascido e pelo qual vinha lutando para provar-se capaz de manter a guarda. Luana perdeu a guarda dos filhos mais velhos por ter sido considerada inapta para criá-los, em razão do constante envolvimento com o uso de álcool, seguido por desdobramentos que colocavam, ela e os filhos, em situações de risco ou de abandono. Por diversas vezes, Luana se propôs interromper essa relação com o álcool, por meio de internações voluntárias ou pela mediação através de algum vínculo com o trabalho, sempre esperando, com isso, restituir seu lugar de mãe — a questão é que, ao interromper essa relação, interrompia-se também a relação com seu parceiro, o pai de seus filhos. Sabia, então, que largar o álcool, ou intentar fazê-lo, significava se expor a mais um episódio de agressão, seguida do rompimento da relação amorosa: “sempre que paro de beber, as brigas começam” (*sic*). O uso de álcool, feito pelo casal, geralmente sozinhos, em casa, parecia cumprir alguma forma de pacto de gozo: goza-se junto, em parceria, e ali não há espaço para o enigma — a garrafa *pet* de cachaça circunscreve o que quer que possa escapar. Mas, com a entrada dos filhos em seu circuito pulsional, Luana passa a querer outra coisa. Ao desviar o olhar desse Um objeto de gozo compartilhado na parceria amorosa, algo da não relação sexual se presentifica para esse homem, de forma que, “(...) para o homem, seu modo de gozar exige que seu parceiro responda a um modelo, e isso pode ir até a exigência de um pequeno detalhe, de um pequeno detalhe pequeno *a*” (Miller, 1998, p. 110). Ao abandonar esse pequeno detalhe, a garrafa de cachaça, como única possibilidade de gozo, Luana se coloca como um enigma para o parceiro: como hei de satisfazer essa mulher? Assim,

(...) não há dúvida, com efeito, de que o enigma que uma mulher representa para um homem está ligado, em grande parte, ao fato de que este lhe supõe um gozo outro que não o seu, sem poder no entanto defini-lo. Trata-se de não acreditar nele, de desmontar o processo dessa crença, mas incontestavelmente uma tendência se opõe a tal destituição. (André, 1998, p. 223)

A partir desse recorte feito pela escuta de Luana, cabe pensar sobre os impactos de um discurso do universal e da mestria, que muitas vezes rege as instituições, para o sujeito. Há que se ficar atento, no que se refere aos discursos que circulam e que regem as condutas profissionais nos equipamentos de atenção à mulher em

situação de violência, para que a relação estabelecida entre a mulher e o profissional que a atende não siga na mesma direção da relação sintomática da qual se sofre. Desde que

(...) a mulher é levada a se fazer feticizar na relação de parceria, é levada a se sintomatizar, é forçada a se velar, a se mascarar e acentuar o seu semblante, enquanto que ela faz de seu parceiro um ; isso comporta, igualmente, que de seu gozo ela não sabe nada, e quer dizer também isso, que ela não sabe o que dizer de seu gozo. (Miller, 1998, p. 118)

Quando uma mulher, ao buscar o atendimento socioassistencial, ao ser ouvida pelo técnico, é colocada no crivo dos ideais sociais e institucionais, o que ocorre, mais uma vez, é o silenciamento de sua posição de sujeito — que deseja, que demanda, que goza —, e mais uma vez se procede, tal como aponta Miller, a uma acentuação de seus semblantes para se fazer objeto dessa relação. Dito de outro modo, a cada vez que uma mulher é coagida a prestar queixa, a se divorciar, quando nada disso lhe diz respeito e responde apenas aos ideais institucionais, ou quando a ela é negada a possibilidade de ser acolhida em razão de um longo percurso de idas e vindas da relação de violência, o que se perpetua é justamente a mesma sintomatização na qual ela se vê envolta com o parceiro amoroso: se não faço semblante a fim de cumprir os ideais institucionais — se não me separo, se não denuncio, se não me afasto de meu parceiro —, deixo de ser vista, amparada.

Curioso, inclusive, o que se pode fazer com esse significant: amparada. Dele, pode-se decantar o amada, que bem corresponde ao que espera uma mulher de suas parcerias, mas decanta-se também parada. Parada, ou mortificada nessa fantasia e nesses ideais do parceiro e do Outro institucional. Qual é o preço a ser pago para ser amparada?

Eulálio (2020) apresenta uma saída possível, ao apontar que, nessa relação, “(...) qualquer parceiro-sintoma da mulher pode converter-se em um parceiro-devastação” (Eulálio, 2020, p. 115), e nisso se inclui, portanto, a relação com a instituição. Assim:

(...) o encontro com um homem [ou com a instituição] pode reduzir algo de seus efeitos devastadores quando ele rechaça se fazer de Outro e restaura com a mulher a relação com o S(), ou seja, com a inconsistência. (Eulálio, 2020, p. 115)

A partir dessa premissa, o que a escuta analítica permitiu, nessa experiência, foi colocar em pauta a posição de sujeito desejante da mulher, tocada, à sua maneira, pelo desencontro entre os sexos, pela questão do que é ser e se tornar uma mulher, sobre o que é colocar-se como objeto causa de desejo para o outro sem se

tornar objeto de gozo (mortífero) do outro, sobre o que pode haver de sintomático nessas parcerias que destroem e, por fim, até que ponto os discursos dominantes da atualidade traçam de antemão um caminho de vitimização e destituição, de forma que tudo o que há em cada caso de particular acaba por ser lido pela ótica universal da passividade e da impotência. Permitiu, em suma, colocar em pauta algo sobre esse gozo próprio, não todo, da mulher.

Referências bibliográficas

- André, S. (1998). Gozos. In S. André. *O que quer uma mulher?* (D. D. Estrada, Trad.) (pp. 209-227). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Costa, A. M. M., & Bonfim, F. (2013). O homem e a mulher na operação com o semblante. *Asephallus*, VIII(16), 134-148. Recuperado de http://www.isepol.com/asephallus/numero_16/revista_asephallus_16.pdf
- Eulálio, A. (2020). *Amores loucos: a devastação materna e nas parcerias amorosas*. Belo Horizonte: Artesã.
- Freud, S. (1996). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade* (2a ed.). São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda* (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Miller, J.-A. (1998). As duas formas do parceiro-sintoma. In J.-A. Miller. *O osso de uma análise* (pp. 93-116). Bahia: Escola Brasileira de Psicanálise da Bahia.
- Miller, J.-A. (2010). Mulheres e semblantes II. *Opção Lacaniana Online Nova Série* I(1), 1-25. Recuperado de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/mulheres_e_semlantes_ii.pdf

Recebido: 01/03/2022

Aprovado: 15/03/2022